



As duas mortes de Natálio Litvinoff: um estudo da hibridização cultural na trilogia familiar de Adão Voloch

The Two Deaths of Natálio Litvinoff: A Study of Cultural Hybridization in Adão Voloch's Family Trilogy

James Hussar *

Resumo: Este artigo analisa a dinâmica de interação entre as identidades religiosa, étnica, nacional e política das personagens judias em três romances do escritor gaúcho Adão Voloch: *O colono judeu-açu* (1985), *Um gaúcho a pé* (1987) e *Os horizontes do sol* (1987). As ideias do antropólogo Néstor García Canclini com respeito aos parâmetros da hibridização cultural fornecem a base teórica do estudo. Segundo Canclini, há fatores que impedem ou resistem à fusão cultural. Em sua trilogia familiar, Voloch considera dois desses fatores — o exclusivismo do judaísmo e a persistência do antissemitismo—para questionar a compatibilidade das identidades brasileira e judia.

Palavras-chave: Adão Voloch. Colonização agrícola judaica. Hibridismo.

Abstract: The present article analyzes the dynamics of interaction between the religious, ethnic, national, and political identities of Jewish characters in three novels by Rio Grandian author Adão Voloch: *O colono judeu-açu* (1985), *Um gaúcho a pé* (1987), and *Os horizontes do sol* (1987). Anthropologist Néstor García Canclini's ideas with regard to the parameters of cultural hybridization provide the theoretical foundation of the study. According to Canclini, there are factors that impede or resist cultural fusion. In his trilogy, Voloch considers two such factors, the exclusivity of Judaism and the persistence of anti-Semitism, as a means of questioning the compatibility of Brazilianness and Jewishness.

Keywords: Adão Voloch. Jewish Agricultural Colonization. Hybridity.

Conforme explica o escritor gaúcho Adão Voloch (1914-1991) em "Diálogo com o leitor" que prefacia seu romance *Um gaúcho a pé*, o objetivo principal das suas obras "é contribuir para o esclarecimento da **questão judia** no sentido comum, cotidiano" (VOLOCH, 1987, p. 14, negrito do autor). Em particular, os romances *O colono judeu-açu* (1985), *Um gaúcho a pé* (1987) e *Os horizontes do sol* (1987) evidenciam o esforço do autor para reconciliar as várias facetas — religiosa, étnica,



cultural, nacional, regional e política — das identidades das suas personagens judias. Esses três romances compõem uma trilogia que relata a história de quatro gerações da família Litvinoff, cujos membros se baseiam nos da família Voloch. O teor biográfico e autobiográfico dos romances também se nota na natureza e cronologia das experiências vividas pelas personagens e nas trajetórias destas pelo mundo (IGEL, 1997, p. 66).

As narrativas acontecem principalmente no sul do Brasil durante a primeira metade do século 20, embora registrem eventos na Ucrânia, na Inglaterra, na Argentina e na Alemanha. Os cenários variam entre espaços urbanos e rurais de acordo com as frequentes perambulações dos Litvinoff, porém as colônias agrícolas Basavilbaso, na Argentina, e Filipson e Quatro Irmãos, no Brasil, se destacam na trilogia como ambientes ideais para a interrogação sobre a identidade proposta pelo autor. Estas foram três das treze colônias argentinas e brasileiras patrocinadas pelo filantropo alemão Barão Maurice de Hirsch (1831-1896) por intermédio da Jewish Colonization Association (JCA, também ICA). Fundada em 1891, a associação facilitou a migração de milhares de judeus asquenazes provenientes da Rússia czarista para colônias agrícolas estabelecidas principalmente na América Latina, mas também no Canadá, no Chipre, na Turquia e nos Estados Unidos.

Com sua trilogia, especialmente o primeiro e o último fascículos, Voloch se enxerta na tradição de escritores que ficcionalizaram suas vivências como crianças e adolescentes nas colônias agrícolas, sendo o argentino Alberto Gerchunoff (1884-1950), autor de *Los gauchos judíos* (1910), o mais celebrado deles. No Brasil, Frida Alexandr (1906-1972), autora de *Filipson* (1967), foi a primeira a publicar sobre as vidas dos imigrantes judeus e seus filhos nas colônias (IGEL, 1999, p. 69). Como esses escritores, Voloch expõe a negociação das identidades judia, gaúcha e argentina e/ou brasileira pela parte dos colonos, cuja interação com as culturas não judaicas ao seu redor se caracteriza tanto pela assimilação quanto pelo afastamento. Ao contrário dos livros de Gerchunoff e Alexandr, os romances de Voloch também abordam temas indigentistas e políticos, retratando a solidariedade de vários dos protagonistas com o povo guarani e o partido comunista.

Ao longo da trilogia, Voloch apresenta as dificuldades encaradas pela família Litvinoff no contexto da *galut*, a diáspora milenar do povo judeu. Cada horizonte promissor, seja a Inglaterra, a Argentina ou o Brasil, torna-se ilusório devido à ubiquidade do antissemitismo, o qual persegue os protagonistas dos romances, Natálio Litvinoff e seu filho, Arturo (os alter egos literários do pai do autor, Natan



Voloch, e de Adão, respectivamente), apesar de eles aspirarem a renunciar à sua identidade judia, particularmente no sentido religioso. Em “Diálogo com o leitor”, Voloch reconhece a persistência do antissemitismo, porém teoriza que várias formas de discriminação praticadas pela comunidade judaica também contribuem para seu desenraizamento perpétuo. Os exemplos citados por Voloch incluem a discriminação de judeus contra seus correligionários, o dogma exclusivista do Povo Eleito, e uma “mentalidade de gueto” que inibe que os judeus participem da vida nacional dos países sul-americanos em que se radicam (VOLOCH, 1987, p. 14). Este artigo analisará como a trilogia elabora os fatores contribuintes para a *galut* por meio da história da família Litvinoff e, em particular, como os fracassos sucessivos de Natálio e Arturo para se estabelecerem como brasileiros sugerem a incompatibilidade, e talvez a irreconciliabilidade, das identidades judia e nacional. Esse conflito culmina em duas versões diametralmente opostas da morte de Natálio, uma das quais realça sua afinidade com as culturas gaúcha e indígena, enquanto a outra lembra sua preparação para o rabinato e evoca os conceitos do materialismo histórico.

A premissa da análise aqui contida parte do conceito da hibridização cultural do antropólogo mexicano Néstor García Canclini. Segundo Canclini, a hibridização não sempre consiste na fusão harmônica de culturas. Ao contrário, é um processo complexo caracterizado pela interação de elementos sintetizadores, excludores e resistentes (CANCLINI, 2005, p. 29-30). Segundo o antropólogo, a hibridização, conceituada desta maneira, proporciona uma possível base teórica para o estudo dos diversos participantes do processo: “If we speak of hybridization as a process to which one can gain access and which one can abandon, from which one can be excluded, or to which we can be subordinated, it is possible to understand the various subject positions implicated in cross-cultural relations” (CANCLINI, 2005, p. 30). Na trilogia de Voloch, cada uma das forças opostas indicadas por Canclini se observa o suficiente para merecer atenção e comentário.

1 O colono judeu-açu

A saga dos Litvinoff começa *in medias res* com *O colono judeu-açu*, romance que acontece na colônia Quatro Irmãos nas décadas de 1920 e 1930, uma etapa marcada pelos esforços da JCA para repovoar a colônia com famílias judias após a Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul (NORMAN, 1985, p. 93). Uma dessas famílias, a de Natálio, consiste em seis pessoas: o patriarca, sua companheira, Tanha, dois filhos inominados (identificados como Ben e Arturo em *Um gaúcho a pé*), uma filha, Flora, e o mais novo, Israel, apelidado de Cuca.¹ Segundo o



historiador Jaime Pinsky, o qual prologa o livro, um dos propósitos da obra é “resgatar o cotidiano e as contradições da vida dos ‘colonos’ judeus na área de Quatro Irmãos, Erebangó, Barão Hirsh e Baronesa Clara, no norte de Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século vinte” (PINSKY, 1985, p. 9). Conforme a observação de Pinsky, o livro contém vários capítulos dedicados a descrições detalhadas de costumes sociais, como bailes à gaúcha (Capítulo 3), rodeios gaúchos (Capítulo 8) e casamentos (Capítulo 14), e de técnicas de cultivo e processamento de produtos agrícolas da região, entre eles a erva-mate (Capítulo 4), a farinha de mandioca (Capítulo 6) e o trigo (Capítulo 11).

Entretanto, Pinsky também afirma que o romance é um livro de tese que procura expor as razões pelo fracasso da colonização judaica no Rio Grande do Sul (PINSKY, 1985, p. 9-10), as quais Voloch relaciona às políticas da JCA. Nas suas colônias, o Barão Hirsch insistia na lavoura em pequena escala e proibia os processos industriais porque, na sua opinião, o sucesso dos imigrantes como lavradores podia minar o estereótipo antisemita que representava os judeus como comerciantes e usurários (NORMAN, 1985, p. 55). O romance se vale de um coro de vozes narrativas para patentear sua crítica dos métodos antiquados promovidos pela JCA. Duas vezes, o narrador heterodiegético descreve a colônia em termos de um feudo para enfatizar seu primitivismo (VOLOCH, 1985, p. 43, 151), e George, um jovem colono judeu namorado de Flora, corrobora a avaliação do narrador quando lamenta a prática da monocultura e a lavoura “sem tratores, sem arados modernos e sem eletrificação” (VOLOCH, 1985, p. 135). Uma das elaborações mais extensas da crítica aparece no último capítulo do romance, sob a forma de um diálogo altamente expositivo entre Natálio e os administradores da JCA. O velho colono, confrontado com a necessidade de liquidar sua chácara, censura a impraticabilidade da visão de Hirsch enquanto advoga pela expansão e modernização das atividades agrícolas em Quatro Irmãos: “Seria preciso criar cooperativas e estender o campo de ação, quer na agricultura, como na industrialização. Foram as minhas propostas iniciais, em 1925, mas prevaleceu o método da filantropia e amparo caridoso à imigração paupérrima da Europa” (VOLOCH, 1985, p. 166). Ciente da inflexibilidade da diretoria da JCA, Natálio conclui seu comentário com o prognóstico de que Quatro Irmãos fracassará da mesma maneira que a colônia Filipson.

A crítica da JCA prepara o terreno para uma reflexão sobre a questão judia, o tema predileto de Voloch. O autor aborda este tema sob o prisma da dicotomia campo-cidade, generalizando que os imigrantes judeus não se enquadram com a vida nas colônias agrícolas da JCA porque estas não proporcionam as mesmas



oportunidades econômicas, acadêmicas e sociais do que os centros urbanos. De novo, Natálio e George, os colonos judeus mais aclimatados às durezas da lavoura em Quatro Irmãos, servem como porta-vozes dos argumentos de Voloch. Durante uma reunião com um grupo de colonos recém-chegados, Natálio afirma que “o judeu tem outras necessidades e sua família ambiciona outro nível de existência que não seja o trabalho de sol a sol na agricultura. E também existe o exemplo: se fulano ficou rico em São Paulo, porque outros não conseguiriam?” (VOLOCH, 1985, p. 47). George reitera estas ideias enquanto conversa com Cuca: “O *id*, o judeu, não está recebendo dessa “América” o que ele esperava. Querem mais vida social, cinema, vestidos, casas mobiliadas. Não gostam do amanhã da terra de sol a sol, com mutucas e bernes” (VOLOCH, 1985, p. 129, palavra em negrito no original).

Vários trechos que detalham as perspectivas de Tanha e Flora sugerem que as mulheres sofrem devido ao isolamento e primitivismo da vida campestre ainda mais do que os homens. Para Tanha, o campo representa uma ameaça tanto para o desenvolvimento social e acadêmico dos seus filhos quanto para a segurança e o bem-estar físico da família toda: “É a solidão que ela prevê para os filhos, a falta de escola, a ausência de vizinhos. No entanto, nas proximidades há a preocupante existência dos caboclos, o que é o pior para ela” (VOLOCH, 1985, p. 15). Os seus medos se tornam realidade para Flora, a qual presencia o êxodo de colonos frustrados para a cidade, um processo de emigração que se acelera após a Revolução de 1930 e que coincide com a crescente presença do governo Vargas em Quatro Irmãos. Flora sente saudades da sua infância em Buenos Aires e Cruz Alta (VOLOCH, 1985, p. 58, 158) e percebe os efeitos dos anos no campo com o impulso de se retrair da interação social (VOLOCH, 1985, p. 60). A extensão da tristeza da personagem, refletida nas paisagens desertas ao redor, se expressa poeticamente mediante a comparação entre o coração dela e uma colmeia abandonada (VOLOCH, 1985, p. 159), e a precariedade da situação fica clara quando George e Cuca a defendem das agressões de um peão violento durante uma festa de casamento (VOLOCH, 1985, p. 135-136). Até certo ponto, a decisão da família Litvinoff de deixar a colônia, embora indique o fracasso total dos planos de Natálio, representa uma vitória para Tanha, já que ela se opõe à vida campestre desde o começo e, na véspera da partida da família de Quatro Irmãos, recrimina os “idealismos” do marido (VOLOCH, 1985, p. 139). No fim, é Felipe, o irmão de Tanha, quem projeta e possibilita a mudança dos Litvinoff para o Paraná após sua ruína financeira, sem dúvida a pedido da irmã (VOLOCH, 1985, p. 138-143).



Para compreender os fatores que contribuem para a incompatibilidade entre os imigrantes judeus e a vida na colônia descrita no romance, as ideias de Canclini sobre a hibridização cultural oferecem um bom ponto de partida. Segundo o antropólogo, uma teoria válida da hibridização “requires a critical awareness of its limits, of what refuses or resists hybridization” (CANCLINI, 2005, p. xxxi). Ao longo do romance, a identidade judia, em si multifacetada, constitui um indicador de alteridade que tende a impedir a aculturação, devido à iniciativa dos colonos ou à dos vizinhos góis. Em geral, os imigrantes adultos retratados por Voloch, particularmente os mais velhos, se preocupam com o desaparecimento de tradições consagradas pelo tempo, um fenômeno que eles observam com seus filhos em Quatro Irmãos:

No entanto, o que preocupa a velha geração é a negligência religiosa, os costumes se deterioram, as moças engravidam e depois casam, os rapazes não freqüentam, aos sábados, a Sinagoga e nem fazem em casa as orações. Já começaram a andar a cavalo nos dias santificados e trabalham, quando é preciso colher plantas maduras e ameaça chuva. (VOLOCH, 1985, p. 42).

Além do imperativo cultural de preservar os preceitos e costumes judaicos, a vida rústica e perigosa do Rio Grande do Sul anteriormente descrita também não atrai o grupo de liderança da comunidade judaica o suficiente para estimular a aculturação. Segundo o relato de Voloch, portanto, a situação dos judeus em Quatro Irmãos se assemelhava à dos outros colonos da JCA para quem o processo de aculturação era “exquisitely painful in the vacuum of the pampas, where they saw nothing of value to acculturate to” (ELKIN, 1998, p. 120). Por conseguinte, muitos colonos no romance recuam de contato com os brasileiros não judeus e/ou emigram de Quatro Irmãos à procura de um melhor padrão de vida na cidade.

Entre os colonos da sua geração, Natálio representa uma exceção à regra. Com o título do romance, o qual se refere ao protagonista, Voloch põe em relevo a afinidade de Natálio com a cultura da região sul-rio-grandense ao juntar a palavra portuguesa “judeu” com o vocábulo tupi “açu” (grande) (IGEL, 1997, p. 71). Essa combinação de termos identitários aparentemente contraditórios lembra a obra-prima de Gerchunoff, *Los gauchos judíos*, na qual o autor associa a comunidade de colonos judeus na província de Entre Ríos ao “centauro dos pampas”, o héroi nacional da Argentina, para fins de estabelecer a argentinidade dos imigrantes. No caso de Natálio, a aproximação às culturas autóctones do Rio Grande do Sul parece



ter um propósito análogo, já que o período retratado por Voloch no romance se caracterizava pela “valorização daquilo que seria mais autenticamente brasileiro” (OLIVEN, 1992, p. 32), em particular as figuras do indígena e do gaúcho. Fica evidente que o velho colono, o qual se apropria não só do vestuário dos gaúchos, mas também das feições dos índios guaranis, se identifica com esses dois grupos e procura aprender mais sobre os mesmos, pois encarnam uma autêntica brasilidade que ele deseja para si: “O colono judeu gosta de pensar sobre a história desta província, pois ele já leu alguns livros a respeito e, cada vez mais, se sente brasileiro” (VOLOCH, 1985, p. 20). Segundo o antropólogo Ruben George Oliven, “for Rio Grandians it is only possible to be Brazilian if they are Gaúcho first” (OLIVEN, 1996, p. 16), Natálio conceitua a cidadania em termos do seu sentimento de pertença a nível regional.

Uma diferença óbvia entre os títulos de Gerchunoff e Voloch, porém, é que o primeiro, com sujeito plural, visiona a hibridização cultural como um processo coletivo ou comunitário, enquanto o segundo focaliza um indivíduo. Talvez esta distinção seja intencional por parte de Voloch, para aludir à marginalização de Natálio perante os outros colonos judeus em Quatro Irmãos. Embora Igel observe “a tenacidade de Natálio e sua mulher em se manterem fiéis ao judaísmo, da maneira como o interpretavam” (IGEL, 1997, p. 72), a arbitrariedade deles em relação ao cumprimento dos mandamentos judaicos os aliena da vizinhança praticante. Apesar de se considerar judeu, Natálio renuncia à fé e ignora a maioria dos ritos religiosos, inclusive a observação do sabá, as orações e os bar mitzvahs dos filhos (VOLOCH, 1985, p. 27). A negligência de Natálio quanto aos *mitzvot* faz com que seus vizinhos o chamem de herege (VOLOCH, 1985, p. 27, 66) e que o acusem de advogar a assimilação à custa da identidade judia (VOLOCH, 1985, p. 49). Tanha, porém, desmente as críticas dirigidas ao marido ao afirmar que a família deles ainda se identifica com o judaísmo em termos culturais: “Nossos filhos falam e escrevem em ídiche, são circuncizados... Entrem, vejam nossa biblioteca, tem literatura ídiche, europeia, também russa, francesa, inglesa... Podem encontrar uma bíblia, mas não há **zidur** nem **mezuzá** nas portas (VOLOCH, 1985, p. 50, palavras em negrito no original). Para os filhos de Natálio e Tanha, tanto a dubiedade da ética dos pais com respeito ao judaísmo quanto o ostracismo social experimentado pela família geram perguntas ontológicas, as quais são reproduzidas pelo narrador em discurso indireto livre: “Serão eles também judeus? O que é um judeu?” (VOLOCH, 1985, p. 31). Eis a motivação do escritor em contribuir para o esclarecimento da questão judia.



Para Natálio, as “tradições seculares, esclerosadas e mantidas em santidade” pelos judeus (VOLOCH, 1985, p. 43), como por exemplo a proibição de casamentos mistos, levam à segregação voluntária dos imigrantes, impedindo que eles participem da vida nacional. Livre das restrições que associa à doutrina do Povo Eleito, Natálio pretende se integrar à cultura sul-rio-grandense, certificando, assim, sua brasilidade. É bem-sucedido até certo ponto, já que consegue se naturalizar como brasileiro (VOLOCH, 1985, p. 43) e cultivar laços de amizade com os vizinhos não judeus. Um deles, o gaúcho prototípico Gumercindo Fagundes da Silva, reconhece e respeita a identidade híbrida de Natálio ao chamá-lo de “judeu caboclo” (VOLOCH, 1985, p. 20). De modo semelhante, Afonso, descendente de índios guaranis, atesta com entusiasmo que Natálio é um “judeu-açu” (VOLOCH, 1985, p. 84) e “um judeu baita mesmo” (VOLOCH, 1985, p. 94).

Os títulos honoríficos, embora prova da solidariedade entre Natálio e os vizinhos oriundos da região, não indicam que o protagonista tenha alcançado seu objetivo de consolidar as identidades judia e brasileira. Além de *persona non grata* dentro da comunidade judaica de Quatro Irmãos devido às excentricidades filosóficas e religiosas, Natálio se alinha a pessoas e grupos à margem da sociedade brasileira, dificultando que ele seja aceito como cidadão. No que diz respeito à brasilidade, Natálio tira pouca ou nenhuma vantagem da sua amizade com a família de Afonso, cuja história expõe a situação precária dos povos indígenas e seus descendentes no Brasil. Apesar de ser originário do Rio Grande do Sul, Afonso é indocumentado (VOLOCH, 1985, p. 82) e dificilmente consegue registrar os seus filhos, pois para documentá-los oficialmente tem de lidar com um padre corrupto e devasso (VOLOCH, 1985, p. 92-93). O episódio realça alguns dos obstáculos com que se defrontavam as minorias religiosas e/ou os que não professavam nenhuma religião no Brasil predominantemente católico das primeiras décadas do século XX.

Como Afonso, Gumercindo Fagundes da Silva também não desfruta de um status particularmente privilegiado. Embora aparente ser fazendeiro, o orgulhoso gaúcho é apenas inquilino da JCA, detalhe que o narrador menciona duas vezes, em parênteses, para desinflar as pretensões da personagem e enfatizar o verdadeiro estado financeiro dele (VOLOCH, 1985, p. 17, 74). A descoberta surpreendente de que o bisavô de Gumercindo era marrano também põe em perigo a posição social do gaúcho, de tal forma que Natálio promete guardar o segredo da ascendência judaica do seu amigo caso este se envergonhe (VOLOCH, 1985, p. 78). Portanto, os laços entre Natálio e Gumercindo não necessariamente melhoram as perspectivas do colono judeu de atingir a brasilidade.



Sendo assim, há uma falta de confiança entre os Litvinoff e Gumercindo que limita a possibilidade de hibridização para Natálio. O romance registra duas reações que exemplificam a suspeita mútua com a qual se interagem. Primeiro, quando Gumercindo refere-se a Natálio como “judeu caboclo”, Tanha duvida das boas intenções do gaúcho e interpreta o comentário com base nas suas experiências negativas anteriores: “Será uma ironia, uma ofensa? Tanha olha para o marido já com vontade de começar uma polêmica sobre o assunto. Será anti-semita? Anti-semitismo? Existe no mundo todo, até aqui nestes ermos?” (VOLOCH, 1985, p. 20). Depois, o narrador alude aos preconceitos do gaúcho ao notar que o desinteresse de Natálio por negócios é “estranhamente interpretado pelo **seu** Gumercindo como picardia semita” (VOLOCH, 1985, p. 75, palavra em negrito no original).

No que diz respeito à dinâmica de interação entre os colonos judeus e seus vizinhos não judeus em Quatro Irmãos, o caso de Natálio e Gumercindo expõe tensões e antecipa conflitos que acabam esmorecendo o otimismo inicial dos demais imigrantes da JCA. Logo depois de chegarem na colônia, os refugiados idealizam o Brasil como um lugar “onde não havia **pogroms** nem insultos raciais” (VOLOCH, 1985, p. 32, negrito no original), e Natálio corrobora essa visão de um país igualitário e isento de discriminação religiosa e étnica: “O Brasil dará a todo o imigrante, após cinco anos de vida no território nacional, a carteira de cidadania e a vida de liberdades democráticas que lhe permitirá ir e vir, negociar, trabalhar, estudar e rezar pelo credo que entender” (VOLOCH, 1985, p. 48). As experiências cotidianas dos colonos, porém, contradizem as descrições idílicas do país e revelam um ambiente hostil. Às vezes as afrontas são verbais, como por exemplo quando duas jovens italianas chamam os filhos mais velhos de Natálio de “judeus capados” (VOLOCH, 1985, p. 102). Entretanto, os colonos estão cientes do perigo de violência física, em particular nos seus tratos com os gaúchos imprevisíveis da vizinhança, cujo comportamento assume tons antissemitas e xenófobos em duas ocasiões apresentadas no romance. A primeira instância acontece após um baile, quando um grupo de moços gaúchos agride George e Flora, chamando-os de “judeu” e “gringa”, respectivamente (VOLOCH, 1985, p. 63). De maneira parecida, o segundo afrontamento, acima mencionado, sucede durante uma festa de casamento e envolve George, Flora, Cuca e um peão agressivo. Ao insultar Cuca com o epíteto “gringo”, o gaúcho saca seu punhal e é morto a tiros por George (VOLOCH, 1985, p. 136).

Além da presença de vizinhos preconceituosos, o romance documenta a discriminação institucionalizada do governo Vargas, valendo-se de um diálogo entre um Delegado do Estado e o Senhor Pereira, um judeu sefaradita e cidadão



naturalizado de prestígio em Quatro Irmãos. O Delegado faz questão de acertar a origem étnica do seu interlocutor ostensivamente para indicar-lhe um estatuto subalterno, mas Pereira responde enfatizando a identidade brasileira que ambos têm em comum:

— “O senhor também é judeu, **Seu** Pereira?”

— “Sim, senhor Delegado. Sou judeu brasileiro. O senhor é cristão ou muçulmano brasileiro?” — retrucou o esperto oriental.

— “Bem, a minha religião é assunto pessoal”.

— “A minha também, **Seu** Delegado. Mas nós viemos aqui para saber da intimação do coitado do zelador da Sinagoga”. (VOLOCH, 1985, p. 152-53, aspas e palavras em negrito no original).

Um diálogo análogo, entre Natálio e um vendedor ambulante, aparece pouco depois no texto. O vendedor, que não conhece Quatro Irmãos, inicia a conversa perguntando se todos os habitantes da colônia são judeus. Como esperado, o intercâmbio entre eles vai no mesmo sentido que o diálogo entre o Delegado e Pereira:

— “E o senhor o que é, em religião?”

— “Eu sou espírita, mas católico. Graças a Deus”.

— “Infelizmente para o senhor aqui não tem igreja. Somos todos brasileiros”. (VOLOCH, 1985, p. 164, aspas no original).

Com as réplicas, Pereira e Natálio sustentam que a identidade nacional transcende as diferenças religiosas e étnicas. Além disso, ambos rejeitam categoricamente a diferenciação com base em origem ou credo para violar ou infringir os direitos de qualquer cidadão.

Apesar da validade dos seus argumentos, Natálio topa com vários obstáculos à hibridização dentro e fora da comunidade judaica. Um deles, a sua postura ideológica, vira tema mais desenvolvido pelo autor nos outros dois romances da trilogia, porém constitui um fator importante no crescente isolamento do protagonista neste livro também. Em primeiro lugar, os idealismos socialistas de Natálio ocasionam a mudança dos Litvinoff para Quatro Irmãos, onde o pai pretende transmitir para os filhos “um sistema de viver com dignidade, longe das maldades do regime da exploração e da luta de classes” (VOLOCH, 1985, p. 48).



Entretanto, as convicções políticas de Natálio acabam alienando-o dos outros colonos, os quais comentam desdenhosamente que os Litvinoff são “vermelhos” (VOLOCH, 1985, p. 42). Inclusive Tanha, partidária das ideias esquerdistas do marido, recrimina-o por viver conforme seus princípios, à custa do bem-estar econômico e social da família (VOLOCH, 1985, p. 139).

O fracasso total de Natálio culmina na iminente partida dos Litvinoff com destino ao Paraná, o que, em termos simbólicos, representa o exílio deles da comunidade judaica. Talvez por esta razão, a última cena do romance focaliza a apropriação das culturas gaúcha e indígena por parte do protagonista. Logo após anular o contrato com a JCA, Natálio contempla o fim trágico que aguarda alguns gaúchos desventurados, antecipando, assim, a própria morte:

O cavalo lerdo, de rédea solta, de vez em quando trincava uma grama à beira da estrada. **Seu** Natálio, montado, fazia seu cigarro, picando o fumo e passou-lhe pela cabeça que muitos gaúchos morreram assim: o cavalo se assusta e o homem cai, espetado na própria faca.

Aconteceu.

A cara do colono judeu-açu parecia a de um índio guacho. (VOLOCH, 1985, p. 168, palavra em negrito no original).

A morte súbita de Natálio como gaúcho e índio, em conjunto com o afastamento dele da colônia judaica, resume de maneira abrupta as experiências do protagonista ao longo de uma vida turbulenta, realçando, portanto, a exclusividade mútua das identidades judia e brasileira.

2 *Um gaúcho a pé*

Segundo o “Diálogo com o leitor” com que Voloch prefacia o romance, *Um gaúcho a pé* é a “segunda parte” de *O colono judeu-açu* (VOLOCH, 1987, p. 13). A narrativa abrange o período compreendido entre 1931 e 1947 e descreve a trajetória de Arturo, filho de Natálio e versão ficcionalizada do autor, desde a partida de Quatro Irmãos aos 17 anos até a morte como preso político. Embora Voloch, no mesmo “Diálogo”, descreva o relato como uma combinação de elementos autobiográficos e fictícios (VOLOCH, 1987, p. 13), também insiste durante uma entrevista com Regina Igel que “a descrição da sua vida, como se estende pela trilogia, é quase isenta de interferência ficcional” (IGEL, 1997, p. 67).² Ele estrutura o romance como um *Bildungsroman*, realçando a maturação física, a formação psicológica e a conscientização política do protagonista através de uma série de vivências



principalmente em meios urbanos. Tendo em conta a qualidade auto-referencial da história, bem como as incursões esporádicas do protagonista na poesia, também é possível conceber o romance como um *Künstlerroman* que retrata o desenvolvimento artístico de Arturo Litvinoff e seu progenitor, Adão Voloch.

Ao contrário de *O colono judeu-açu*, a “sequela” nem descreve as durezas da vida agrícola *in situ* nem conta muito com a presença física dos outros integrantes da família Litvinoff. A participação direta deles na trama se limita a aparições breves, a primeira das quais ocorre no Capítulo 9, quando Tanha visita Arturo na prisão em Porto Alegre (VOLOCH, 1987, p. 89-92). Após Arturo dar baixa do serviço militar, ele se reúne com a família em Curitiba (VOLOCH, 1987, p. 138), mas a interação do protagonista com os parentes — Tanha, Ben, Flora e Cuca — é relegada para segundo plano ao longo dos três capítulos (14-16) que documentam a estadia de Arturo no Paraná.

Conforme a conclusão do romance anterior, Natálio falece antes deste período e, por conseguinte, não participa da reunião familiar. Apesar da ausência, porém, ocupa um lugar de destaque na história, sendo a maior influência na vida de Arturo. Voloch faz questão de salientar as semelhanças entre pai e filho, começando com o uso dos cognomes “Natalnhik’l” (o diminutivo de “Natálio”), “Nat”, e até mesmo “Natálio” para se referir ao protagonista. De fato, o nome próprio “Arturo Litvinoff” só aparece pela primeira vez em meados do livro, como mera formalidade, durante um interrogatório na Chefatura de Polícia em Cruz Alta (VOLOCH, 1987, p. 83). No plano diegético da narrativa, duas personagens observam a semelhança notável entre Natálio e Arturo, vendo no filho o sócia ideológico do pai. Primeiro o velho Raicher, ex-vizinho dos Litvinoff, comenta para o moço, “Falas como teu pai, expondo princípios que já ouvi dele” (VOLOCH, 1987, p. 24). Depois Tanha, a pessoa mais qualificada para fazer tal comparação, se pergunta, “O filho seria diferente do pai?” (VOLOCH, 1987, p. 91).

Voloch se vale das caracterizações quase idênticas de Natálio e Arturo para continuar a análise da hibridização no que diz respeito às identidades judia e brasileira. O jovem segue os passos do “colono judeu-açu”, afiliando-se às culturas autóctones do Rio Grande do Sul na tentativa de provar sua brasilidade. Embora sonhe em “ser um caboclo, daqueles bem brasileiros, queimado do sol e cheirando a suor” (VOLOCH, 1987, p. 215), Arturo logo descobre que a adolescência no campo representa um impedimento na cidade, onde vira alvo das injúrias dos brasileiros pretensamente mais cultos. O texto registra vários exemplos do uso pejorativo dos termos “matuto”, “gringo” e “caipira” para ridiculizar a



ingenuidade do protagonista (VOLOCH, 1987, p. 22, 25, 43-44, 178), o qual se sente desajeitado e mal preparado para interagir com as pessoas da cidade (VOLOCH, 1987, p. 28). A experiência de Flora em Curitiba é ainda mais traumática, segundo expressa durante uma conversa com o irmão: “Tenho medo na loja, medo na rua, medo de dia e medo de noite. Não sentia isso na colônia. Sozinha, no mato... Todo dia entra gente à procura de emprego e eu não tenho instrução, sou menos competente” (VOLOCH, 1987, p. 144). Estes dois casos, além de comprovar as graves consequências da decisão de Natálio de levar a família para Quatro Irmãos, revelam a falha da estratégia de Natálio e Arturo. Contrariamente às expectativas, a mesma identidade gaúcha com que tentam estabelecer uma autenticidade brasileira se torna um indicador de sua alteridade e pretexto para sua exclusão da vida nacional.

No entanto, Arturo antecipa que sua origem judaica constituirá precisamente esse tipo de obstáculo para a aculturação e, por conseguinte, pretende renunciá-la. Por um lado, culpa a tendência à aglutinação dos judeus e a preocupação pela preservação do *idischkait*, o modo de vida próprio deles, pela incompatibilidade das identidades judia e brasileira, como evidencia o seguinte trecho em discurso indireto livre: “O dogma de ‘povo eleito’ os segregava e preferiam viver em bairros, aglomerando-se, estimulando a sua Associação a fim de que os jovens não se extraviassem, com as tentações” (VOLOCH, 1987, p. 77). Por outro lado, Arturo interpreta e justifica a “mentalidade de gueto” no contexto da *galut*, assim atribuindo o exclusivismo do povo judeu à história secular de violência antissemita, frequentemente motivada por acusações de deicídio: “As matanças, as perseguições e a discriminação enraizaram neles uma diferenciação irreconciliável provinda da razão de preservação e aglutinação para a resistência ao inimigo gratuito, permanente séculos afora” (VOLOCH, 1987, p. 78). Seja como for, para Arturo o gregarismo da comunidade judaica faz com que esta não assimile a cultura nacional, e por isso, o protagonista procura viver “livre da tribo” (VOLOCH, 1987, p. 132).

Conforme a observação de Igel, porém, Arturo vacila diante do judaísmo, alternadamente negando sua origem e acolhendo-se nela (IGEL, 1990, p. 36-37). Tal como o pai, repudia a religião, a qual caracteriza como uma arma capitalista que torna o operário subserviente (VOLOCH, 1987, p. 203). Contudo, Arturo adora as histórias do “seu povo” (VOLOCH, 1997, p. 98) e aceita a ajuda da comunidade judaica, em particular a do escritor gaúcho Érico Veríssimo, quando está preso em Cruz Alta e Porto Alegre (VOLOCH, 1987, p. 91-92). Em todo o caso, o protagonista chega à conclusão de que nunca poderá renunciar à identidade judia,



já que “o judeu, apesar de longe de sua pátria, é sempre judeu” (VOLOCH, 1987, p. 98). Além de imutável, a identidade judia lhe é imposta, de maneira acusatória, ao longo do romance por brasileiros preconceituosos. Entre eles figura a esposa católica de Arturo, Helenice, a qual comenta, “Meus colegas ironizam chamando o meu marido de ‘judeu e subversivo’” (VOLOCH, 1987, p. 213). Embora o protagonista não passe por alto este emparelhamento infundado de sua origem judaica e seu ativismo político, fica ainda mais frustrado com a aparente impossibilidade de negociar as identidades judia e brasileira: “Sou acusado de ser judeu, sendo brasileiro. Sempre foi assim. Os judeus me discriminavam e os brasileiros também” (VOLOCH, 1987, p. 214). Esta reação implica que, do ponto de vista de Arturo, o maior entrave à brasilidade continua sendo sua relação, vigente ou não, com o judaísmo, e não sua filiação ao partido comunista.

Arturo, testemunha do problema com a identidade judia mesmo para os apóstatas, tenta eliminar esse obstáculo recorrendo ao argumento do pai de que a identidade nacional transcende as diferenças religiosas e étnicas. Durante uma conversa com vários conhecidos intelectuais, afirma,

Somos italianos, sírio-libaneses, portugueses, africanos, espanhóis, japoneses... Eu sou mais um judeu... Porém, tudo isso reflete as nossas origens. O que há, de fato, é um ponto comum: cidadãos de uma nação, numa cidade, num meio de trabalho e atividades centrífugas e na produtividade necessária e complementar da comunidade. Portanto, somos homens dentro de uma sociedade e não judeus ou católicos ou islamitas. (VOLOCH, 1987, p. 202).

A política antissemita e anticomunista do Estado Novo, porém, garante que Arturo terá seus direitos cassados, apesar de ganhar a cidadania ao dar baixa do serviço militar. Seus esforços assimilatórios redundam em fracasso e, por conseguinte, acaba sendo um pária como Natálio: “Quis ser um cidadão brasileiro e também internacionalista. No entanto, a sociedade me repudia, me ofende, me afasta” (VOLOCH, 1987, p. 215). As semelhanças entre pai e filho continuam até o fim do romance, que também conclui com a morte abrupta do protagonista. Preso pelas convicções ideológicas, Arturo é morto a tiros durante um motim na prisão. A descrição do acontecimento, porém, lembra a da morte acidental de Natálio: “Arturo teve a sensação de cair de um cavalo a galope. Desta vez não foi mera sensação. Tombou mesmo...para sempre” (VOLOCH, 1987, p. 221). A morte romântica de Arturo, elaborada figuradamente a partir da morte do pai, patenteia



o impulso revisionista do autor. Neste caso, também redime a imagem de Natálio do romance anterior, deixando que o patético “colono judeu-açu” seja reconhecido e venerado como mártir.

3 *Os horizontes do sol*

Os horizontes do sol, apesar de relativamente curto em comparação com os outros romances da trilogia, abrange o período mais amplo dos três fascículos, começando na Ucrânia em meados do século 19 e terminando na década de 1950, no Brasil. O texto se divide em duas partes, a primeira das quais compreende três quartos do livro e traça a história de quatro gerações da família Voloj-Ltvinossf (Volocho-Litvinoff), remontando brevemente à época dos avós e pais de Natálio e seguindo os movimentos dele por Londres, Buenos Aires, Basavilbaso, Santiago do Chile, Filipson e Cruz Alta. Essas frequentes mudanças se apresentam como fugas iniciadas por um protagonista inquieto que busca a solidão, sem êxito. A segunda parte do romance se dedica às atividades políticas de destaque de Arthuro, que opera na clandestinidade durante as décadas de 1940 e 1950. O livro complementa os outros dois romances da trilogia no sentido de descrever em detalhe eventos referidos, mas inadequadamente explicados, em *O colono judeu-açu* e *Um gaúcho a pé*, em particular a história da “outra” família abandonada por Natálio na Inglaterra. No entanto, diverge significativamente dos relatos anteriores no que diz respeito às mortes dos protagonistas, pai e filho, talvez para alinhá-las com as verdadeiras biografias de Natálio e Adão Volocho.

A terceira parte da trilogia aborda o tema da hibridização cultural no contexto da *galut*, caracterizando a diáspora como uma experiência universal de todos os judeus. Segundo o narrador, a fuga dos judeus foragidos da Rússia czarista de Alexandre III e Nicolau II no final do século 19 e no início do século 20 se insere em uma série de expulsões, inclusive as dos israelitas bíblicos de Jerusalém e os sefarditas da Espanha medieval (VOLOCH, 1987, p. 13). O denominador comum em todos os deslocamentos é, na opinião do narrador, a ameaça recorrente da violência antissemita: “Mas vem novamente a borrasca de ódios e razões bravias para desalojá-los [os judeus], despojá-los e martirizá-los. Eis a nova arribação” (VOLOCH, 1987, p. 13). O romance parte da premissa de que cada desenraizamento faz os emigrantes judeus se espalharem à procura de novos lugares livres de preconceitos. Consistente com o título, o livro se vale da odisseia de Natálio para explorar vários “horizontes” promissores, entre eles a Inglaterra, a Argentina e o Brasil. A narrativa registra o otimismo inicial dos recém-chegados com respeito a cada um destes destinos. Em Londres, eles “[t]inham bons negócios



e não os preocupavam perseguições e ofensas: eram iguais aos cidadãos locais” (VOLOCH, 1987, p. 21), em Buenos Aires “[a]bria-se realmente um novo mundo isento de ódios e rancores religiosos” (VOLOCH, 1987, p. 29), e em Cruz Alta “tinham de tudo, sem tormentos” (VOLOCH, 1987, p. 83). Sem dúvida, as descrições idílicas das novas paragens respondem às esperanças de um povo traumatizado pelos horrores do Império Russo mais do que à realidade, uma vez que ignoram os obstáculos à hibridização cultural documentados exaustivamente na trilogia.

A reflexão sobre a questão judia no romance leva em consideração dois fatores que podem dificultar a hibridização, a saber, o exclusivismo religioso e cultural do judaísmo por um lado, e a persistência da discriminação antissemita por outro. Quanto ao primeiro destes fatores, Voloch faz questão de salientar a conexão entre o bem-estar dos imigrantes judeus nos entornos anteriormente mencionados e a negligência religiosa dos mesmos. Em Londres, os judeus “sentiam-se melhor, livrando-se da carga pesada dos costumes ortodoxos” (VOLOCH, 1987, p. 18), em Buenos Aires, “[a] ortodoxia e os rituais, como delicados objetos de vidro, iam se quebrando” (VOLOCH, 1987, p. 27), e em Cruz Alta, “[o]s israelitas deixaram de comer ‘Cocher’, trabalhavam aos sábados e se esqueciam das orações diárias” (VOLOCH, 1987, p. 91). Essa integração à custa das tradições suscita preocupações dentro da comunidade judaica, particularmente entre os mais velhos. No romance, Voloch utiliza um diálogo entre Ester-Léia, a mãe de Natálio, e sua prima para verbalizar a perspectiva tipicamente associada aos judeus idosos. Na conversa, a prima lamenta, “Não conseguimos ensinar aos filhos que aqui nascem o respeito e a obediência ao *Idischquait* (judaísmo). Eles vão aos colégios *goim*, freqüentam ginásio e universidades; em casa nos ridicularizam, acreditando-se modernos e civilizados” (VOLOCH, 1987, p. 40-41, explicação parentética e palavra em itálico no original). Segundo o autor, a atitude aqui expressa pela prima inominada — a alegada “mentalidade de gueto” — contribui para o recuo da comunidade judaica, travando, portanto, a inclusão da mesma na sociedade como um todo.

O segundo fator, a persistência da discriminação antissemita, também figura proeminentemente na análise da questão judia empreendida pelo autor. Tendo em vista a apresentação da *galut* como um fenômeno cíclico no romance, não surpreende que as comunidades judaicas retratadas por Voloch vivam na trepidação, mesmo durante as fases da lua-de-mel nas várias “terras da promessa” exploradas pelos Litvinoff. Uma conversa entre Nehemias, o pai de Natálio, e seu amigo, Jacob, na qual discutem a possibilidade de a migração para a América



providenciar a salvação para os asquenazes russos, exemplifica o vaivém contínuo do povo judeu entre esperança e suspeita:

— Li nos jornais — informava Reb Jacob — que na América pode-se falar publicamente qualquer idioma e desenvolver qualquer atividade, mas o meu temor é que lá um dia também venham a nos perseguir...

— É verdade, sempre poderá em qualquer lugar ressurgir o ódio gratuito contra nós — disse Reb Nehemias. (VOLOCH, 1987, p. 36).

Logo após, Ester-Léia reitera os mesmos sentimentos. Embora acredite que a Argentina seja “uma terra livre, acolhedora e sem ódios”, acrescenta, “no entanto, quero crer que não se apresentaram outros sofrimentos como os que deixamos para trás” (VOLOCH, 1987, p. 41). Parece que os piores receios de Nehemias e Ester-Léia se concretizam, pelo menos na medida em que as experiências de Natálio e Arthuro sejam emblemáticas das dos imigrantes judeus em geral.

Pai e filho, ambos apóstatas da fé judaica, ambicionam construir suas identidades com base em três características interligadas: classe, partido e nacionalidade. Natálio, que se torna ativista do proletariado na Argentina, se entusiasma com a ideia de que o movimento operário une indivíduos de diversas origens e crenças em torno de uma causa comum, sendo o sindicato uma organização igualitária que “juntava espanhóis, italianos, judeus e argentinos num só agrupamento de classe, e não se deveria intrometer ligações e objetivos que separassem judeus de gentios, galegos de católicos, brancos de negros”. (VOLOCH, 1987, p. 28-29). Ele também insiste na necessidade de os judeus recém-chegados participarem da vida nacional e advoga “a adaptação à nova pátria sem pretensões a privilégios e distinções, mas naturalizados com direitos e deveres” (VOLOCH, 1997, p. 28). Natálio promove a consciência cívica dos imigrantes judeus quando vira professor de um núcleo de agricultores em Basavilbaso, onde ele introduz um currículo moderno que inclui o estudo da língua, geografia e história da Argentina (VOLOCH, 1987, p. 48). Também se ocupa de se naturalizar brasileiro logo após chegar em Filipson — porém ele, seja por egoísmo ou negligência, não registra seus filhos (VOLOCH, 1987, p. 69).

Segundo Arthuro, o partido comunista se parece com o sindicato de operários no que diz respeito à solidariedade do grupo misto. No dizer do protagonista, ele e seus companheiros constituem “uma grande família” unida pela nacionalidade e pelos mesmos ideais, apesar de terem origens distintas (VOLOCH, 1987, p. 104).



Por conseguinte, Arthur sustenta que os integrantes do partido não discriminam contra os filiados judeus: “Somos brasileiros e internacionalistas, mas o anti-semitismo não é problema dentro do *clube*” (VOLOCH, 1987, p. 103, *itálico no original*). Na sua opinião, os pontos em comum entre os partidários, isto é, a brasilidade e a orientação política, fazem diluir as diferenças raciais e étnicas entre os mesmos.

No entanto, a narrativa suscita sérias dúvidas quanto à compatibilidade da comunidade judaica com os demais cidadãos brasileiros. Por exemplo, a descrição do matrimônio de Francisco Dornelles Castilhos, um gaúcho arquetípico, com Raquel Sederbuch, uma moça judia, alude à discórdia entre ambos os grupos. Segundo Raquel, os problemas conjugais que enfrentam radicam no fosso cultural que os divide. Durante uma discussão, diz ao marido, “Você tem seus costumes, e suas crenças, assim como eu, só que há uma distância que deve ser aclarada e compreendida entre nós, para não chegar a um impasse” (VOLOCH, 1997, p. 88). O autor, porém, minimiza a perspectiva para uma melhor comunicação entre Francisco e Raquel: o gaúcho ignora a súplica da moça, e esta se fecha no quarto para chorar.

A intransigência dos gaúchos com respeito à comunidade judaica também fica clara no caso de Maurício, um rapaz judeu que, para todos os efeitos, desempenha o mesmo papel que George em *O colono judeu-açu*. O jovem, que se considera brasileiro e comunista, promove o empenho cívico da coletividade judaica, insistindo na véspera das eleições para Presidente da República, “Nós não podemos ficar de fora da política nacional” (VOLOCH, 1987, p. 93). Apesar dos esforços em prol da aculturação e participação política dos judeus brasileiros, Maurício apresenta a necessidade de se defender contra a agressão antisemita. O relato de seu enfrentamento com um gaúcho racista em um salão de danças, uma reescritura da experiência de George, Flora e Cuca anteriormente mencionada, destaca a intolerância dos brasileiros “autênticos” para com os “gringos” judeus, independentemente de estes se assimilarem à cultura dominante ou não.

Com respeito às caracterizações de Natálio e Arthur, Voloch tende a mencionar a origem étnica e a filiação política em conjunto, sendo estas signos de alteridade que removem rancores e impedem a integração dos protagonistas na sociedade brasileira. Natálio associa ambos os traços identitários diretamente à vitimização, chegando à conclusão de que “[o]s judeus e os comunistas foram o holocausto cobrado pela barbárie” (VOLOCH, 1987, p. 100). A conclusão do romance ressalta esta mesma conexão ao relacionar a origem e a ideologia de Arthur à sua



condição de marginalizado e fugitivo: “E perdeu-se na clandestinidade, qual um judeu indo para o gueto, impelido pelas *Leis* do despotismo” (VOLOCH, 1987, p. 133, palavra em *itálico* no original). Conforme o conceito da hibridização cultural proposta por Oliven, o judaísmo e o comunismo aqui representam elementos excludores e resistentes ao longo da trilogia, por serem inassimiláveis à cultura brasileira.

Talvez as duas versões da morte de Natálio sejam o maior indício da noção de Voloch sobre a incompatibilidade fundamental da brasilidade, o judaísmo e o comunismo. Como mencionada anteriormente, a conclusão de *O colono judeu-açu* antecipa o êxodo de Natálio da colônia, um núcleo judeu, e detalha a semelhança entre ele, os gaúchos e os índios guachos, dois grupos autenticamente brasileiros, no momento da morte. Segundo *Os horizontes do sol*, porém, Natálio falece após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, vários anos depois da partida de Quatro Irmãos, e em circunstâncias diferentes das expostas no livro anterior. No final alternativo, morre por causas naturais, nos degraus de casa. Enquanto agoniza, o moribundo imagina um diálogo entre três participantes—o Labor, o Saber e a Sucessão—sendo cada um, um aspecto de Natálio. Para Arthuro, o delírio do pai representa um retorno às origens judaicas, com um curto desvio pela concepção materialista (VOLOCH, 1987, p. 118). Enfim, Natálio morre como judeu, com as palavras de Jó 6.26 na boca. Subsequentemente, Flora insiste em sepultá-lo no ritual judaico, afirmando, assim, essa faceta da sua identidade (VOLOCH, 1987, p. 117). Embora a trilogia não registre nenhum comentário explícito sobre as discrepâncias entre os dois relatos, a exclusividade mútua de ambos coincide com a apresentação das crises de identidade experimentadas pelas personagens judias durante toda a saga familiar.

Este artigo não pretendeu avaliar a qualidade literária da trilogia familiar de Adão Voloch, mas reconhecer seus méritos no que diz respeito à documentação da experiência imigratória no Brasil da primeira metade de século 20. O escritor descreve minuciosamente as circunstâncias que levaram os judeus asquenazes a fugir da Rússia czarista, a vida difícil e às vezes perigosa que estes enfrentaram nas colônias agrícolas da JCA, e a subsequente migração da maioria deles para cidades vizinhas. Voloch se vale da história da própria família para traçar todos estes movimentos; no entanto, a proximidade com o tema não restringe nem suas perspectiva ou ambições. Ao contrário, universaliza as vivências dos Litvinoff ao apresentá-las no contexto da *galut*. Além da questão judaica, a temática de Voloch abrange outros assuntos e acontecimentos significativos da história do Brasil nas décadas de 1920, 1930 e 1940, inclusive a fundação do Partido Comunista



Brasileiro, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e a institucionalização do Estado Novo. Apesar de terem recebido pouca atenção da crítica (com a exceção de Regina Igel), os romances constituem uma valiosa fonte de informação para os interessados nesse período formativo do Brasil, vivido em primeira mão pelo escritor.

Além do valor como registro histórico, a abordagem da questão judia empreendida por Voloch na trilogia é altamente relevante no mundo de hoje. Tendo em vista os recentes apelos do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, por uma imigração em massa dos judeus europeus a Israel após os ataques antissemitas em Paris e Copenhague (em 9 de janeiro de 2015 e 14-15 de fevereiro de 2015, respectivamente), fica evidente que os romances de Voloch são pertinentes para discussões contemporâneas sobre a *aliyah*, a discriminação, a hibridização cultural e o futuro do povo judeu dentro e fora de Israel. Talvez a leitura e a análise das questões levantadas por Voloch ao longo de sua trilogia familiar contribuam não só para palestras e tratados acadêmicos, mas também para a criação de ambientes caracterizados pela tolerância e pelo respeito mútuo.

* **James Hussar** é Doutor em Estudos Literários pela Universidade de Notre Dame (2008), Mestre e Bacharel em espanhol pelas Universidades de Millersville (2001) e Pittsburgh (1995), respectivamente. Atualmente é Professor Associado de espanhol e português na Universidade Estadual da Califórnia, campus de Fullerton.

Notas

¹ Como observa Igel, os nomes das personagens sofrem variações ortográficas (Arturo-Arthuro, Tanha-Tânia) e/ou mudam completamente (Naftali-Natálio, Tereza-Tanha, Arturo-Natalnhik'l-Nat-Berel-Ugo) ao longo da trilogia (Igel, 1997, p. 70-71). Algumas destas alterações e substituições são justificadas nos romances. Em *Os horizontes do sol*, por exemplo, sabemos que Naftali “acastelhana” seu nome para “Natálio” ao chegar à Argentina (VOLOCH, 1987, p. 28). É provável que “Berel” e “Ugo” sejam *noms de guerre* de Arturo-Arthuro, uma vez que aparecem em capítulos que descrevem as atividades políticas dele na clandestinidade. Talvez as inconsistências reflitam a postura ideológica do autor, expressa em *Os horizontes do sol*: “O nome não tem importância. Todos têm nome para serem distinguidos e



tratados como indivíduo, mas o que valia mesmo era ser gente” (VOLOCH, 1987, p. 107).

² Obviamente as circunstâncias da morte de Arturo não se correspondem com as do autor. A biografia de Voloch e a ficção também divergem com respeito às datas de nascimento do autor (9 de março de 1914) e de Arturo (1º de maio de 1914). Talvez este embelezamento literário tenha relação com o Dia do Trabalhador, também comemorado no dia primeiro de maio dentro e fora do Brasil, e simbolize os laços do protagonista com os movimentos operários.

Referências

CANCLINI, Néstor García. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Trad. Christopher L. Chiappari e Silvia L. López. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

ELKIN, Judith Laikin. *The Jews of Latin America*. New York: Holmes & Meier, 1998.

IGEL, Regina. Brazilian Jewish Women Writers at the Crossroads. In: AGOSÍN, Marjorie (Org.). *Passion, Memory, and Identity*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1999. p. 59-84.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

IGEL, Regina. Surcos literarios e ideológicos en la trilogía novelística de Adão Voloch: *El colono judeu-açu, Los horizontes del sol, Un gaucho de a pie*. In: FINZI, Patricia; TOKER, Eliahu; Faerman, Marcos (Org.). *El imaginario judío en la literatura de América Latina: visión y realidad*. Buenos Aires: Grupo Editorial Shalom, 1990. p. 34-37.

NORMAN, Theodore. *An Outstretched Arm: A History of the Jewish Colonization Association*. Londres: Routledge and K. Paul, 1985.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, Ruben. *Tradition Matters: Modern Gaúcho Identity in Brazil*. Trad. Carmen Chaves Tesser. Nova York: Columbia University Press, 1996.



PINSKY, Jaime. Adão, o judeu-açu. In: VOLOCH, Adão. *O colono judeu-açu: o romance da Colônia Quatro Irmãos-Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1984. p. 9-10.

VOLOCH, Adão. *O colono judeu-açu: o romance da Colônia Quatro Irmãos-Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1985.

VOLOCH, Adão. *Os horizontes do sol*. Rio de Janeiro: Novos Rumos, 1987.

VOLOCH, Adão. *Um gaúcho a pé*. Rio de Janeiro: Novos Rumos, 1987.